

O encontro com o mal. O jovem Nietzsche diante da doença (1844-1862)*

Simone Zacchini**

Resumo: Este artigo examina um período muito breve da juventude de Nietzsche, de seu nascimento a 1862. Durante estes anos Nietzsche descobre progressivamente que o mundo encantado ao interno do qual ele nascera, protegido e seguro, não é imune ao mal e às doenças. Neste estudo examina-se todas as doenças que Nietzsche viu entrar em casa, através do pai, dos parentes e dos amigos. Antes mesmo que sua biografia registrasse patologias que ele carregará consigo até o fim (dores de cabeça, nos olhos, no estômago etc.), Nietzsche encontrará as feições do mal nas formas históricas que a sua época registrou (cólera, escarlatina, tifo) deixando marcas indelévels no seu imaginário.

Palavras-chave: jovem Nietzsche, doenças infantis, doenças de época, fármacos, mal.

* Tradução de Neomar Sandro Mignoni.

** Professor em História da Filosofia na Universidade dos Estudos de Siena (UNISI). Departamento de Ciência da Formação, Ciências humanas e a Comunicação Intercultural – Sede em Arezzo (DSFUCI).

ORCID <https://orcid.org/0000-0002-8817-7075>

Correio eletrônico: simone.zacchini@unisi.it

Quando se enfrenta o tema, certamente vasto e importante, da relação entre Nietzsche e a doença, se pensa imediatamente à sua longa e cotidiana batalha pessoal contra as enxaquecas, dores nos olhos, na cabeça, no estômago até os obscuros dias no manicômio; uma *história infinita*, como foi dito, aquela entre Nietzsche e as várias formas de patologia que o afligiram¹. De um ponto de vista mais filosófico, este tema recorda aquele, não menos importante, de como o seu histórico clínico se entrelaçou com a sua produção intelectual, dando origem a reflexões nas quais o pensamento se nutriu com frequência de sua autobiografia. É, portanto, natural que este tema tenha sempre tido um lugar assim importante nos estudos nietzschianos².

A presente discussão, não obstante essa premissa, não se orienta explicitamente em nenhuma das duas veias de pesquisa supra evidenciadas, ao menos não em modo direto. Aquilo que aqui é tomado como objeto de reconstrução histórica refere-se não *a* ou *as* doenças de Nietzsche, nem à sua relação com o seu pensamento, mas aquelas das quais foi testemunha, aquelas que viu de perto no sofrimento das pessoas próximas, aquelas que o tocaram, mas que não o atingiram. Em suma, aquelas que representaram uma ameaça e um perigo, mas não um mal-estar real.

Pode-se pensar a essas experiências, na sua complexidade, como uma *metamorfose do mal*, na forma de patologia mais ou menos conhecidas na época, mas sempre importantes e frequentemente letais. O período juvenil parece o mais adequado para desenvolver essa pesquisa não só porque oferece os primeiros exemplos da relação

1 R. Schiffter, 2013, p. 283s.

2 Inicialmente, concentrando-se exclusivamente sobre a natureza do problema psiquiátrico do último Nietzsche e sobre as suas possíveis origens, o tema da relação entre Nietzsche e a doença é posto na sua extensão ainda em 1926 por E. Benda, 1926, pp. 65-80, no qual declara que há vários anos esse problema está no centro dos estudos sobre Nietzsche. Desse mesmo ano, de fato, é fundamental K. Hildebrandt, 1926, o qual critica a primeira e mais notável obra sobre Nietzsche e a doença: P.J. Möbius, *Ueber das Pathologische bei Nietzsche*, Bergmann, Wiesbaden 1902. Hoje, uma referência da qual partir é: P.D. Volz, 1990.

entre Nietzsche e a doença, mas, sobretudo, porque evidencia como o avanço do mal corrói lentamente a confiança que aquela existência serena e tranquila que levava, possa prosseguir sempre imperturbável e protegida de qualquer ataque. Uma vida centrada sobre família e os amigos, a escola e a igreja, não dava a impressão de que algum dia pudesse vir a deslizar no escuro do mal³.

Existe, portanto, essa ideia de fundo que guia a presente reconstrução: o mundo do jovem Nietzsche é inicialmente imaginado como um cosmo ordenado, familiar, edificado sobre certezas e seguranças, imperturbável e inatacável e granítico. Trata-se de um universo protegido pela fé e pela família, que nada pode abalar ou afetar. Todavia, imaginando uma dinâmica entre centro e periferia, o mal é pensado como alguma coisa de monstruosa que move dos espaços externos a este mundo, alguma coisa que chega aos seus confins e ameaça este pequeno vilarejo de paz e bem-estar. Seja aquele fora da vista do campanário de Röcken, dos muros de Naumburg ou das salas Pforta, a doença é o símbolo de um mundo desconhecido e não controlável. Essa ameaça sem face toca de perto o jovem Nietzsche, muito mais nas suas certezas existenciais que no seu corpo. As doenças que testemunhou, afligindo amigos e parentes, precedem a sua história clínica e pessoal, como se esta Hidra de mil cabeças o tivesse primeiro circundado, depois ameaçado e por fim acometido pessoalmente. A história privada de Nietzsche, perenemente afligido pelo mal, ou aquela filosófica, que desse mal traz seiva e inspiração, não podem ser enfrentadas sem esse primeiro e fundamental capítulo que as precede.

A primeira incursão é representada sem dúvida pela doença do pai, Carl Ludwig Nietzsche. O caso é bastante conhecido para ser reconstruído em detalhes nessa discussão. No entanto, por ser um momento determinante da sua biografia, algumas anotações serão, todavia, sublinhadas. A doença do pai envolve a vida do pequeno

3 Cf. S. Zacchini, 2016.

Friedrich de setembro de 1848 a julho de 1849, nove a dez meses de uma lenta agonia que ele assiste como uma testemunha impotente, como toda a família e os médicos que se esforçaram para curá-lo. Nietzsche era uma criança de quatro anos e sem entrar nas tramas de sua psicologia, é evidente que este episódio assinalou a sua inteira existência. Aquele pai que era uma referência, ministro do culto, amado de todo o vilarejo e dos colegas, estimado em casa, assim sensível e culto, se torna lentamente um corpo que sofre subjugado pelas dores excruciantes na cabeça, vômito, cegueira, perda da fala. O primeiro testemunho do seu estado é datado de sete de setembro de 1848 quando Carl Ludwig Nietzsche teve sua última pregação. Depois, contínuos ataques de vômito violento e dores de cabeça o impediram de realizar qualquer atividade que não fosse permanecer na cama ou sentado numa poltrona⁴.

À doença do pai remonta o primeiro contato de Friedrich Nietzsche com Naumburg, em novembro daquele ano, quando com a mãe foi encontrar Ludwig sob os cuidados de Stapf, homeopata aluno de Hahnemann. Carl Ludwig Nietzsche era um defensor da prática inaugurada por Christian Driedrich Samuel Hahnemann, na época, falecido há apenas cinco anos. Logo após o matrimônio, em 1843, Carl Ludwig Nietzsche, com trinta anos de idade, havia adquirido uma farmácia homeopática pessoal “com a qual quer curar agora tudo o quanto sabe de doenças; eu porém, me exclui das suas curas, dado que quando estou mal tenho um remédio seguro na água”⁵ anotou a jovem esposa em seu diário. Desse modo, sua primeira importante consulta sobre o seu estado de saúde se deu no consultório de um homeopata, Johann Ernst Stapf, nascido e residente na vizinha Naumburg, onde assumiu o cargo depois de concluir os estudos em Leipzig. Em 10 de novembro de 1848 Carl Ludwig Nietzsche permanece por algumas semanas na pequena cidade, hospedando-

4 Cf. R. Bohley, 1987, p. 178-179.

5 C.P. Janz, 2014, p. 29.

se na meia-irmã Fredericke Daechsel, sendo assistido pela irmã Auguste Nietzsche, que reporta em uma página de seu diário o relato da terapia do Dr. Stapf, que consistia na administração, várias vezes ao dia, de um “pózinho” sem especificação que não trouxe benefício algum. Como foi dito, Franziska e Friedrich visitaram o pobre doente e o encontraram prostrado e triste. Chorava muito, um fato que não deve ter escapado do atento olhar do pequeno Fritz.

Quando voltou à sua cama na canônica, desorientados e cada vez mais assustados, os Nietzsche decidiram tentar a via oficial, aquela da medicina tradicional, alopática, ainda em um limbo proto-experimental, embora, já fosse considerada na época como a verdadeira via do método científico. O Dr. Neubert, na vizinha Lützen, visitando o pobre pastor, a essa altura cético e fatigado do seu mal – e não compreendendo a natureza daquilo que o afligia – intervém apenas nos sintomas secundários com laxantes, ácido tartárico, carbonato de magnésio e quina. A sua esperança era aquela de poder mitigar a dor de cabeça e atenuar o vômito e a náusea. Inicialmente, essa via trouxe algum benefício, ao menos aparente, tanto que devolveu uma leve esperança aos Nietzsche, que tentaram aprofundá-la trazendo à pequena cidade um famoso médico, conselheiro da corte que estava de passagem por Leipzig, Johann von Oppolzer. Depois da consulta, talvez a primeira feita de maneira séria e completa ao pastor de almas, o célebre médico diagnosticou um “amolecimento cerebral” cujo reestabelecimento havia alguma esperança e, se a tinha, devia-se apenas à jovem idade e à substancial robustez do paciente⁶. Carl Ludwig Nietzsche faleceu em 30 de julho de 1849. Um mês depois Franziska escreveu ao irmão: “As crianças certamente não entendem ainda a perda que sofremos através da morte prematura do bom pai, vivem ainda na sua inocência, ao menos Elisabeth e

⁶ Cf. K. Goch, 2000, segundo o qual é também provável que se tratasse de uma encefalomalacia, uma forma de “amolecimento do cérebro” devido a uma falta de irrigação sanguínea, com correspondente perda de funcionalidade.

Joseph. Mas Fritzschen, a quanto parece, já deve entender mais e, depois de tudo, me disse: ‘quanto eu seria contente se o nosso bom papai vivesse ainda’⁷. Aquilo que é certo é que na lembrança dessa doença e da morte, Nietzsche será sempre imbuído de uma infinita tristeza. Ele mesmo relata isso em 1858, quando na sua primeira autobiografia escreve: “em dois de agosto o despojo terreno de meu amado pai foi confiada ao ventre da terra. A tumba foi murada às custas da comunidade. A cerimônia teve início à uma da tarde, ao som de todos os sinos. Oh, não vai desaparecer jamais do meu ouvido o seu som melancólico, jamais esquecerei a melancólica melodia do canto *Jesus, minha esperança*”⁸. Os sinos, a música, a sensação de abandono: todos os elementos tornarão frequentemente na sua história.

Sempre nesse primeiro *olhar retrospectivo*, Nietzsche escreve: “As feridas estavam apenas cicatrizando, quando foram dolorosamente reabertas”⁹. Depois de ter narrado um sonho particularmente inquietante, Nietzsche recorda aqui a morte do seu irmão menor Joseph. Não é clara a causa da morte, mas seguramente foi um evento cujo decurso se desenvolveu rapidamente. Uma febre alta por dois dias, talvez um problema de dentição, e Joseph foi sepultado entre os braços do pai, como o obscuro sonho de Nietzsche havia pressentido:

Naqueles dias sonhei uma vez de ouvir na igreja o som de um órgão como que para um sepultamento. Enquanto procurava a causa, improvisamente vi uma tumba abrir-se, da qual saiu meu padre envolto no sudário. Ele correu para a igreja e pouco depois retornou com uma criança nos braços. O túmulo se abre, meu pai reentra e a cobertura se fecha sobre a sepultura. Cessa o forte som do órgão e eu acordo¹⁰.

7 F. Nietzsche. *Epistolario*. 1850-1869, Vol. 1, Adelphi, Milano 1976, notas da p.712.

8 F. Nietzsche. *Scritti giovanili*. Milano: Adelphi, 1998, p. 19.

9 F. Nietzsche. *Scritti giovanili*. *op. cit.*, p. 20.

10 F. Nietzsche. *Scritti giovanili*, *op. cit.*, p. 20.

Depois da morte de Carl Ludwig Nietzsche e a família é forçada a deixar a canônica de Röcken ao novo pároco. Na primavera de 1850 se transferiram para a vizinha Naumburg. Nietzsche, uma criança crescida na liberdade dos campos, sentiu muito os efeitos da mudança: “Para nós que tínhamos vivido por tanto tempo no campo, a vida na cidade era insustentável. Por isso evitávamos as estradas sufocantes e procurávamos o ar livre, como um pássaro que foge da gaiola”¹¹. A pequena cidade, por menor que fosse, aparecia diante dos seus olhos como uma complicada e estranha cidade. Pedras e casas no lugar de relva e árvores, desconhecidos ao invés de rostos familiares. Contudo, a cidade é também alguma coisa de diversa. É sinônimo de higiene mais precária, de água menos pura, de miasmas carregados de agentes virais. Tanto é que, em setembro daquele mesmo ano, os Nietzsche passaram quase dois meses no parentes de Pobles, os Oehler, para fugir de uma epidemia de cólera.

O vibrião do cólera foi observado pela primeira vez em 1854, por Felipe Pacini¹². Isso significa que em 1850, quando os Nietzsche fugiram de Naumburg, não se possuía ainda uma ideia clara do que se tratava. Porém, sabia-se perfeitamente que a cólera derivava de uma contaminação da água potável, devido ao saneamento rudimentar ou inexistente. Essa doença aparece na Europa pela primeira vez em 1817 e tem uma história epidêmica típica do século Séc. XIX: originária do Ganges, na Índia, penetra lentamente a Europa mediante os movimentos comerciais e militares das tropas inglesas, até chegar a Paris em 1832¹³. É uma doença da pobreza, da escarça higiene e das cidades, quando o sempre crescente número de indivíduos que chegavam em busca de emprego despovoando os campos se

11 F. Nietzsche. *Scritti giovanili*, op. cit., p. 21.

12 Cf. G. Cosmacini, 2011, p. 343. Uma exata identificação da *vibrio comma* (Komma Bazillus) responsável pela cólera virá apenas em 1884, graças a Robert Koch, na época diretor do instituto de saúde de Berlim. Koch demonstrou o nexó entre uma bactéria e uma específica doença, dando origem à hodierna bacteriologia.

13 Cfr. G. Cosmacini, 2006, p. 118-129.

amontoavam nas periferias e não dispunham de uma rede de esgoto adequada. O bacilo da cólera, de fato, se transmite através das águas contaminadas pelas fezes.

Depois da primeira onda que atingiu toda a Europa, houve uma segunda pandemia causada e agravada também pelos exércitos envolvidos, em todo o continente, nos levantes de 1848. Nos anos de 1848-1849, os surtos de cólera se agravaram de maneira particular nas áreas russa, polonesa, prussiana e austríaca. Por conseguinte, aquele de Naumburg deve ter sido um último surto desta onda, certamente periférica e particularmente não virulenta, visto que os Nietzsche tornaram para casa apenas dois meses depois.

Embora tenha tocado apenas de leve o corpo do jovem Nietzsche, não se deve negligenciar o impacto emotivo que pode ter ocorrido. Transferido para uma grande cidade há poucos meses, ainda abalado pela perda do pai depois de tantos tormentos, não ambientado, ou melhor, transtornado da vida urbana, Nietzsche é forçado a fugir perseguido daquilo que comumente vinha definido como o *monstro asiático*. Não possuímos testemunhas nem lembranças diretas de Nietzsche, mas essa dinâmica existencial não deveria ser subestimada. Até porque, desde jovem, Franziska era convencida que a única cura para todas as doenças seria a água pura, exatamente aquilo que a cólera contamina. O pastor Oehler, pai de Franziska, curava tudo com “água gelada, compressas e panos frios [...] era considerado em toda o bairro o homem da água”¹⁴. Franziska acreditava poder curar qualquer distúrbio com “duchas frias, compressas e caminhadas”¹⁵. Portanto, é muito provável que uma doença derivada da água tornada impura deveria ter suscitado um certo temor, não apenas sanitário, mas sobretudo humano.

Dois anos depois, Nietzsche é tocado por duas doenças letais para as crianças da época. Em 1852 a mãe escreveu a Edmund Oehler

14 C.P. Janz., 2014, p. 27.

15 C.P. Janz., 2014, p. 35.

que “Fritz foi até o momento poupado da tosse canina”¹⁶. Ao passo que um ano depois correu riscos de morrer de escarlatina que, naqueles anos ainda não protegidos pelas vacinas, levava frequentemente à morte. Os sintomas são febre alta, vômito, cefaleia, dificuldade para deglutir. Trata-se de doenças infantis, denominadas de “esvazia berços”. Coqueluche, difteria, escarlatina, sarampo e varíola passavam de casa em casa como verdadeiras e próprias epidemias. A mortalidade infantil era altíssima. Podemos crer, portanto, em Franziska quando escreve de “estar realmente contente com o decurso da doença [...] mas fiquei muito ansiosa quando se disse que era escarlatina [...] uma vez que esta doença causa aqui muitas vítimas e na maioria das vezes em idade infantil”¹⁷.

Outra vez a *doença negra*, expressão com a qual se alude ao câncer, bate na porta dos Nietzsche¹⁸ e, em 2 agosto de 1855 leva consigo Auguste, devido a um câncer de pulmão. Provavelmente, um decurso muito rápido, visto que não existem testemunhas de uma agonia como aquela do pai. Ou talvez os sintomas eram menos evidentes. O fato é que essa doença, bastante rara, sobretudo em não fumantes, surpreende a silenciosa tia e a leva embora. Na sua autobiografia de 1858, Nietzsche escreve que “já em Röcken a minha querida tia esteve continuamente indisposta, mas a sua doença piorou de maneira assustadora em Naumburg”¹⁹. Provavelmente, devido à gravidade da doença, que os médicos da época diagnosticaram como uma degeneração do pulmão, Nietzsche foi levado a Pobles. O pequeno Friedrich e a tia se despediram chorando: “lembro bem

16 F. Nietzsche. *Epistolario*. 1850-1869, Vol. 1, Adelphi, Milano 1976, notas da p.714 (carta de 1º de novembro de 1852).

17 F. Nietzsche. *Epistolario*. vol. I, p. 714 (carta de 14 janeiro de 1853). Duas cartas recebidas por Nietzsche falam ainda dessa doença, ambas escritas pelo pastor Gustav Adolf Oßwald, em 1º janeiro de 1853 e em 2 fevereiro de 1853 (cfr. Nietzsche Briefwechsel, organizado por G. Colli e M. Montinari, Abteilung I, vol. I, p. 311 e p. 314).

18 “*Die schwarze Krankheit*”, [a doença negra] assim se esprime Nietzsche, p. 300; Para profundar-se, me permito indicar: A. Rinnovati, S. Zacchini, 2017.

19 F. Nietzsche. *Scritti giovanili*. op. cit, p. 34.

como chorava, e eu com ela. Era a última vez que a via”²⁰. A autópsia revelará a causa da morte: a *doença negra*, que afetara o inteiro lóbulo do pulmão. E de novo o pequeno Friedrich encontra a morte em uma das suas formas mais terríveis, dolorosas e sem esperança.

O quadro das experiências do pequeno Nietzsche com o mal e a doença já tem, portanto, o seu percurso bem definido. A primeira juventude de Nietzsche é assinalada pelo encontro com doenças muito graves e através da morte de pessoas vizinhas. A dez anos já possui a experiência do que seja o câncer, a cólera e a escarlatina; chorou muito, foi obrigado a deixar a cidade por um mal que está na água e no ar, por uma doença invisível da qual é impossível se defender. Poucos meses depois da morte de Auguste perdeu também a avó, talvez a única que se apaga na serenidade da velhice.

Sempre em 1856, em 30 de março, o amigo mais próximo de Friedrich, Wilhelm Pinder, frequentemente adoentado, débil, um pouco anêmico, está de cama com febre reumática (*ein rheumatisches Fieber*). Tratava-se de uma coisa bastante comum e que não deveria preocupar, mas Friedrich se assusta, sobretudo quando o impedem de vê-lo: “Wilhelm está muito doente, tem uma febre reumática. Queria levar-lhe uma laranja, mas não me permitiram entrar até ele” (eKGWB/BVN-1856,10). Ainda em 27 de abril fala dele em uma carta à irmã: “Wilhelm consegue agora fazer dez passos sozinho, depois deve sentar-se” (eKGWB/BVN-1856,11). É nesse período, no final de agosto, que se começa a falar dos olhos de Nietzsche e pela primeira vez o mal começa a adentrar seu corpo. Em uma carta à mãe relata que as tias haviam aconselhado “para os olhos doentes [...] diariamente aguardente de trigo, no alto, sobre o olho” (eKGWB/BVN-1856,13). Entre os anos de 1859 e 1861, emergem os sinais que depois não mais deixarão a história clínica de Nietzsche: as dores de cabeça, de estômago e nos olhos.

20 F. Nietzsche. *Scritti giovanili. op. cit.*, p. 35.

Existe algo de extraordinariamente simbólico no fato que o filósofo que terá a perspicácia e a visão das coisas tão desenvolvidas adoeça de maneira frequente dos olhos. E dos olhos à cabeça. Em 27 de novembro de 1859 escreve para casa dizendo não estar bem por conta das insistentes enxaquecas, desaparecidas graças às sangrias (eKGWB/BVN-1859,117). Mas é durante os primeiros dois meses de 1861 que as condições pioram, a ponto de uma internação na enfermaria de Pforta não ser suficiente, tornando-se necessária, assim, uma convalescença em casa. Na metade de janeiro escreve: “tenho enxaquecas incessantes, que tomam toda minha cabeça, além disso, a cada movimento me dói o pescoço, e do mesmo modo a garganta quando respiro. Por duas noites inteiras não dormi absolutamente nada, antes se alternavam calafrios de frio e suor. Não consigo me concentrar em nada e tudo me parece um sonho” (eKGWB/BVN-1861,205). Ainda que o quadro clínico geral melhore um pouco, restam as persistentes enxaquecas, e inevitáveis recaídas: “eu já pensava que agora o meu mal-estar já tivesse passado e, no entanto, ontem ele voltou com maior intensidade. Novamente tenho dores de cabeça assim violentas que absolutamente não posso estudar. De novo me dói o pescoço e novamente dores na laringe. Estas noites não consegui dormir por conta da dor. Estou terrivelmente triste (eKGWB/BVN-1861,209). Outra vez um mês depois: “agora estou verdadeiramente cansado destas dores de cabeça: não estão melhorando e retornam sempre. O mínimo esforço de cabeça me provoca dores [...]. Hoje me aplicaram de novo atrás de cada orelha um vesicante, mas não acredito mesmo que seja útil” (eKGWB/BVN-1861,214). Até que se tornará necessário retornar a Naumburg para curar-se na tranquilidade e intimidade da casa, antes que na inóspita e anônima enfermaria de Pforta, onde, de qualquer maneira, esteve por mais de um mês.

Este episódio pessoal abre uma longuíssima temporada de enfermidades, até os atormentados anos entre 1870 e 1880, aqueles

que ele mesmo chamará como os anos do ponto mais baixo de sua vitalidade. Nietzsche, uma testemunha frequentemente silenciosa de epidemias e enfermidades, até mesmo graves, que o tocaram, improvisamente parece ser absorvido pelo próprio mal, encarnando-o em cada uma de suas fibras. Aquele âmago foi paulatinamente cedendo e o mal o devorou lentamente, tornando-se um com sua vítima, mas esta é uma outra história e escapa dos confins desta discussão. Três episódios devem ainda serem recordados, para completar este quadro, três doenças bastante letais para a época, que tocam de novo o jovem Nietzsche atingindo sua sensibilidade e, em um caso, um afeto importante.

Em fevereiro de 1861, exatamente no decorrer das suas estadias na enfermaria, Nietzsche relata à casa como o lugar de internação se está preenchendo, no ritmo de dois ou três por dia, de doentes de rubéola, doença infecciosa e bastante contagiosa. É também assim contagioso o sarampo, que irrompeu em Pforta em abril daquele mesmo ano. Ambas são doenças bastante difusas na idade infantil e mais graves se contraídas na adolescência (eKGWB/BVN-1861,214 e eKGWB/BVN-1861,230). Em todo caso, até as vacinações, das descobertas microbiológicas sobre os germes e a pioneiríssima atividade de Pasteur sobre a cólera, o carbúnculo e a raiva, as doenças infecciosas eram altamente perigosas e frequentemente levavam à morte. Nietzsche vive anos que prenunciam a época das vacinas, mas ainda não chega a usufruí-las. É importante, portanto, o princípio de prudência que exprime nas cartas.

A morte levará seu tutor em Pforta, um homem com o qual havia criado uma relação bem muito mais próxima que a formal e institucional: Robert Buddensieg. Escreve Janz:

Próximo dele encontrava conforto à nostalgia; nas doenças de Buddensieg tranquilizava a mãe e os parentes com o seu jeito paternal e pastoral, e administrava o dinheiro de seu educando dedicados aos pequenos prazeres. Nas festas da escola, assim como nas denominadas “jornadas de montanha”,

a mãe e a irmã de Nietzsche eram suas hóspedes. Todos os alunos amavam esse homem de grande coração. Quando morreu, em 20 de agosto de 1861, Nietzsche sofreu profundamente²¹.

Os motivos de sua morte não são fáceis de estabelecer. A primeira notícia sobre a sua saúde é de 5 de agosto, quando Nietzsche escreveu para casa dizendo que “parece que agora tudo vai bem para ele: até agora, para dizer a verdade, não se sabe exatamente, nem aqui, nem em Naumburg de que doença se trata. Em todo caso é de natureza reumática” (eKGWB/BVN-1861,253). Na metade de agosto: “O prof. Buddensieg está um pouco melhor do que domingo” (eKGWB/BVN-1861,255) enquanto em 19 agosto todo o quadro clínico parece precipitar: “O prof. Buddensieg essa noite dormiu um pouco melhor. Essa manhã estava pior do que o habitual: às sete Rudolf [filho de Buddensieg] me disse que não sabia se ainda estava vivo e que o médico havia dito que estava muito mal” (eKGWB/BVN-1861,256). É evidente que ninguém possuía informações precisas, como de fato escreverá para casa no dia seguinte, quando lhes anuncia a morte: “Particulares sobre a sua morte não sei, nem se pode perguntar” (eKGWB/BVN-1861,257). A Pinder, porém, confessa em 21 de agosto: “Pessoalmente te direi mais sobre a morte e sobre a doença do professor, que por fim foi diagnosticada como Tifo” (eKGWB/BVN-1861,258).

Typhus, o termo que Nietzsche usa, é bastante genérico. Em grego *typhos* significa “esgotamento”, “inconsciência”: “A doença assim denominada decorria com febre alta e com grande comprometimento do coração, da circulação sanguínea, dos centros nervosos”²². A forma mais agressiva é o *tifo epidêmico*, que ceifou vítimas durante os séculos XVI-XVIII em toda a Europa. Se transmite através dos piolhos, seja aqueles das roupas, seja aquelas da cabeça,

21 C.P. Janz. 2014, p. 66.

22 G. Cosmacini, 2006, p. 96.

e se propaga entre indivíduos que possuem piolhos. Provavelmente não é o caso de Buddensieg. O tifo epidêmico é uma *peste de guerra* e se propaga entre o exército e a promiscuidade. Certamente Pforta era um ambiente fechado, mas sabemos que as condições higiênicas eram muito bem cuidadas. Muito provavelmente se tratou de uma febre tifoide ou tifo abdominal, ou febre entérica. Na metade do século XIX ainda não havia distinguido bem a bactéria da salmonela entérica (que provocava o tifo abdominal) daquela da *Rickettsia prowazekii*, responsável pelo tifo epidêmico. O fato é que em poucas semanas o prof. Buddensieg morre, deixando Nietzsche sem aquele único guia masculino que podia encaminhá-lo nos anos que se estavam abrindo, feito de sofrimentos pessoais e de crises de consciência.

Podemos parar por aqui. Procurou-se abrir uma cortina sobre um tema que até o momento não fora jamais tratado. Acredita-se que não seja secundário, para compreender um pensador que fez da sua experiência pessoal um laboratório de filosofia, trazer para perto também as dores e os sofrimentos dos outros. Assim como também não é secundário o quanto essas patologias foram vistas e vividas como ataques de um monstro, de um maligno que repousa atrás de si, pensando que a qualquer momento viesse a atingi-lo também. Depois desses anos, se iniciará um “desastroso” 1862, um ano em que será também atormentado por uma crise interior²³. Um ano do qual pode iniciar o histórico clínico de Nietzsche e a partir da qual a sentença de Êsquilo *to mathei pathos*, se torna o próprio manifesto da sua existência.

²³ Cf. C.P. Janz, 2014, p. 114.

The encounter with evil. The young Nietzsche in the face of illness (1844-1862)

Abstract: This article examines a very short period of Nietzsche's youth, from his birth to 1862. During these years, Nietzsche gradually discovered that the enchanted world in which he was born, protected and safe, was not immune to evil and disease. This study examines all the diseases that Nietzsche has experienced inside the house, through his father, relatives and friends. Even before his biography recorded pathologies that he would remember ever after (headaches, eyes, belly, etc.), Nietzsche met the face of evil in the historical knowledge that his time recorded (cholera, scarlet fever, typhus) leaving indelible traces in his imagination.

Keywords: Young Nietzsche, Childhood Diseases, Epochal Diseases, Remedy, Evil

Referências

- BENDA, E. Nietzsche Krankheit. *Monatschrift für Psychiatrie und Neurologie*. 60, pp. 65-80, 1926.
- BOHLEY, R. *Nietzsche christliche Erziehung*. In: *Nietzsche-Studien*. Vol. 16, 1987. p. 178-179.
- COSMACINI, G. *Le spade di Damocle. Paure e malattie nella storia*, Roma-Bari: Laterza, 2006.
- _____. *L'arte lunga. Storia della medicina dall'antichità a oggi*, Roma-Bari: Laterza, 2011.
- GOCH, K. *Nietzsches Vater oder Die Katastrophe des deutsche Protestantismus*, Berlin: Akademie Verlag, 2000.
- HILDEBRANDT, K. *Gesundheit und Krankheit in Nietzsches Leben und Werke*, Berlin: Karger, 1926.
- JANZ, C.P. *Vita di Nietzsche*, vol. I, Milano: Ghibli, 2014.
- MÖBIUS, P.J. *Ueber das Pathologische bei Nietzsche*, Wiesbaden: Bergmann, 1902.

Zacchini, S.

NIETZSCHE, Friedrich. Wilhelm. *Digitale Kritische Gesamtausgabe (eKGWB)* – Digital version of the German critical edition of the complete works of Nietzsche edited by Giorgio Colli and Mazzino Montinari. Edited by Paolo D'Iorio and published by Nietzsche Source: <http://www.nietzschesource.org/>.

_____. *Epistolario. 1850-1869*. Edizione italiana diretta da G. Collo e M. Montinari. Vol. 1. Milano: Adelphi, 1976.

_____. *Scritti giovanili. 1856-1864*. Edizione Italiana condotta sul testo critico originale stabilito da G. Colli e M. Montinari. A cura di Mario Carpitella. Milano: Adelphi, 1998.

RINNOVATI, A. ZACCHINI, S. *Corpi in attesa. Filosofia e biologia del cancro*, Ets, Pisa 2017.

SCHIFFTER, R. *Friedrich Nietzsches Krankheiten - eine unendliche Geschichte*. In: *Nietzsche-Studien*, vol. 42, 2013, p. 283s.

VOLZ, P.D. *Nietzsche im Labyrinth seiner Krankheit. Eine medizinisch-biographische Untersuchung*, Würzburg: Königshausen und Neumann, 1990.

ZACCHINI, S. *Una instabile armonia. Gli anni della giovinezza di Friedrich Nietzsche*, Pisa: Ets, 2016.

Recebido em 15/08/2019

Aceito em 10/09/2019